

## **Anuário de Literatura**

Volume 15

Número 02

### REVERBERAÇÕES ITALIANAS NA IMPrensa LUSO-BRASILEIRA NO PÓS- GUERRA: ECOS DE D'ANNUNZIO, FERRERO E BIANCO NAS REVISTAS ATLÂNTIDA (1915-1920) E ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA (1903-1924)

Fernanda Suely Muller  
Doutoranda em Letras – USP/FAPESP

**ITALIANS REVERBERATIONS AT THE LUSO-BRAZILIAN PRESS  
INTO POS-WAR: D’ANNUNZIO, FERRERO E BIANCO ECHOES AT  
*ATLÂNTIDA* (1915-1920) AND *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA* (1903-  
1924) MAGAZINES**

**RESUMO:** Neste artigo objetivamos analisar brevemente como se deu a participação italiana nas revistas *Atlântida* (1915-1920) e *Ilustração Portuguesa* (1903-1924) procurando identificar, sobretudo, como seus idealizadores serviram-se dessa ítala presença para o fomento do ideal de “raça latina” (leia-se: “raça luso-brasileira”) escamoteada em suas páginas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura comparada, relações luso-italo-brasileiras; imprensa periódica.

**ABSTRACT:** In this work we want to show in a concise way how was the Italian participation at *Atlântida* (1915-1920) and *Ilustração Portuguesa* (1903-1924) magazines trying to identify, specially, how theirs directors used this Italian presence to promote the “Latin race” ideal (that’s really meant: “Luso-Brazilian” race) secretly in those pages.

**KEY-WORDS:** Compared literature, relationships among Brazil, Italy and Portugal; periodic press.

## Introdução: da latinidade ao projeto de integração luso-brasileiro

Se inicialmente o adjetivo *latino* designava apenas o aposto gentílico que remetia às origens de “comum ou pertencente à região de *Lazio*, na Itália”<sup>1</sup> (e, portanto, por consequência, a cultura e línguas dela provenientes) observamos que a partir de 1860, pelo menos, os sintagmas derivados do vocábulo supracitado<sup>2</sup>, como *raça latina*, por exemplo, começaram a ser popularmente difundidos e especialmente utilizados no início do século XX como sinais de auto-afirmação identitária e hegemônica dos países que praticavam a política imperialista e neocolonialista e como naturais desdobramentos dos conflitos decorrentes da 1ª. Guerra Mundial.

Com efeito, bem como aponta Bethell (2009)<sup>3</sup>, “o conceito de ‘race latine’, que é diferente do ‘race’ anglo-saxão, foi primeiro concebido em *Lettres sur l'Amérique du Nord* (2 vols., Paris, 1836) escrito por Michel Chevalier (1806-1879)” e foi constantemente retomado no período, como podemos perceber através do título do periódico *Revue des Races Latines* de

<sup>1</sup> Cf. verbete “latino”, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.1729.

<sup>2</sup> Cf. BRUIT, Héctor H. A Invenção da América Latina. In: *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*. Belo Horizonte - 2000. ISBN 85-903587-1-2. Disponível em: [http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector\\_bruit.pdf](http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector_bruit.pdf). Acesso em: 20 ago. 2010.

<sup>3</sup> Cf. BETHELL, Leslie. Brazil and the idea of "Latin America" in historical perspective. *Estud. hist. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, Dec. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010321862009000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321862009000200001&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 ago. 2010. doi: 10.1590/S0103-21862009000200001.

1861, por exemplo. Já a expressão “América latina”, tal como ela é frequentemente empregada hoje, isto é, como característica e adjetivo diferencial que se opõe aos pares culturais na idade moderna de valor/tradição dos outros “povos” como o americano, anglo-saxão e africano, por exemplo, teve seus primeiros registros documentados na já citada *Revue des Races Latines*, (artigo de L. M. Tisserand intitulado “Situation de la latinité”, publicado em janeiro de 1861) e no texto acadêmico do jurista argentino Carlos Calvo de 1864 intitulado *Recueil complet des traités, conventions, capitulations, armistices et autres actes diplomatiques de tous les Etats de l'Amérique latine compris entre le golfe du Mexique et le Cap Horn depuis l'année 1493 jusqu'à nos jours...*, que a utilizou para qualificar as partes centro e sul do continente americano diferenciando-as da porção norte, ou seja, “mundo americano” designado como “[...] hostile, dégénéré, nocif et suffocant” (apud BRUIT, 2000, p.2).

Historicamente, a partir desse momento, o termo “Amérique latine” passou a utilizada também pelos intelectuais franceses para justificar o imperialismo francês no México sob domínio de Napoleão III, com a alegação de que existia, sob o signo da *latinidade*, uma afinidade cultural e linguística, uma unidade entre os povos “latinos”, e que a França, nesse contexto, seria sua inspiração e líder natural (e o defensor contra a influência e ameaça da dominação nomeadamente anglo-saxônica e americana).

No Brasil, para além das políticas de “branqueamento”<sup>4</sup> (norteadas pela política de eugenia como uma espécie de “darwinismo social” vigentes na época) e de discussões acaloradas sobre as questões raciais e identitárias nesse período de constituição da nação, observamos que um dos pontos nevrálgicos em relação ao *outro* no país continuava a ser a forte presença do *colonizador* português e as constantes divergências com a *ex-metrópole* a partir da independência nacional. Curiosamente, é justamente a partir desses mesmos conceitos de *raça* e de latinidade anteriormente esmiuçados que uma parte da intelectualidade de Brasil e Portugal, em meados do século XX, se valeu para construir um conceito análogo de *raça luso-brasileira* que precisava ser fomentado através da imprensa e ratificado com a presença de outras culturas latinas, como a italiana, por exemplo, como veremos melhor adiante.

A chamada *belle époque*, foi, sem dúvida, uma era particular na história de Brasil e Portugal, seja sob a perspectiva interna, seja sob o ponto de vista do desenvolvimento de suas respectivas imprensas mas, sobretudo, ao que concerne as relações entre ambos os países.

Se, por um lado temos um Brasil que ia tentando fortalecer a República recém-fundada, desenvolver e urbanizar as principais cidades do país e ainda absorver a velocidade das mudanças da vida e da sociedade moderna que já se anunciavam, por outro lado temos um Portugal

cambaleante que sofria com a crise deflagrada sobretudo pelo *Ultimatum* – que culminara posteriormente com enfraquecimento da Monarquia e seus desdobramentos (como o regicídio em 1908) – e a instauração da República em 1910.

Desse modo, se internamente para ambos os países o período foi de intensa agitação, podemos dizer que também a relação entre si também não era uma das melhores, já que pairava no ar certo “estranhamento” entre Brasil e Portugal desde a Proclamação da República brasileira em 1889, pelo menos, acentuada pela ruptura das relações diplomáticas com Portugal em decorrência da Revolta da Armada Brasileira<sup>5</sup> em 1893. Bem como aponta VIEIRA (1991):

Enquanto testemunhava a mudança política no Brasil, assim como a competição que se verificava entre os seus emigrantes e outros que iam chegando a este país, Portugal começou a prever a perda da sua presença no domínio cultural e econômico. Convém não esquecer que nas décadas prévias à República de 1889, Portugal tratou o Brasil com certa indiferença e não demonstrou grande

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>5</sup> A Revolta da Armada foi um movimento deflagrado por setores da Marinha brasileira em 1893 contra o presidente da República, Marechal Floriano Peixoto. Encabeçado pelo Contra-almirante Custódio de Melo e pelo Almirante Luiz Filipe Saldanha da Gama, o episódio expressou com clareza os interesses e as disputas políticas do início do período republicano e deu origem a um incidente diplomático que culminou com o rompimento das relações com Portugal por parte do governo de Floriano Peixoto. Cf. também: DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1996; RIO BRANCO, Barão do. *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938 e RIBEIRO, Atanagildo Barata. *Sonho no cárcere: dramas da revolução de 1893 no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

interesse no fortalecimento de laços sócio-econômicos com a antiga colônia. Quando o evento de 1889 apareceu nas notícias internacionais, Portugal levou uma sacudidela e acordou. [...] Com a participação ativa do Brasil no Pan-Americanismo (...) conjuntamente com o seu papel na União Internacional das Repúblicas Americanas de 1889-1890, Portugal podia ver-se abrir o fosso entre o Velho e o Novo Mundo, tornando gradualmente maior. (p.126)

Apesar das divergências e, mesmo antes do re-estabelecimento das relações diplomáticas oficiais entre Brasil e Portugal, observamos que pelo menos uma parte da intelectualidade luso-brasileira sempre se empenhara com muito afinco para o fortalecimento das ligações entre ambos os países, dispendo, para tanto, da principal arma que possuíam: a imprensa.

Fomentada nomeadamente pelos portugueses – que, principalmente por motivos financeiros, se viram muito prejudicados com o rompimento das relações e acordos comerciais previamente estabelecidos com o Brasil – observamos nesse período um crescente número de publicações de artigos com o escopo de amenizar e abrandar tais diferenças, seja na imprensa regular (grandes jornais, sobretudo no Rio de Janeiro), seja na publicação específica de revistas pensadas exclusivamente pela/para intelectualidade luso-brasileira, como foi o caso das revistas *Atlântida* (1915-1920) e *Ilustração Portuguesa* (1903-1924).

### ***As revistas Atlântida (1915-1920) e Ilustração Portuguesa (1903-1924): “pólos do pensamento latino”***

A revista *Atlântida: Mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil* foi publicada entre 1915 e 1920, em Portugal e no Brasil, sob a direção de João de Barros e de João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto), respectivamente. A eles se juntou, a partir de 1919, outro importante brasileiro – Graça Aranha em Paris –, justamente quando a revista muda seu subtítulo para “Órgão do Pensamento Latino no Brasil e em Portugal”. Embora o título apontasse mais o pendor artístico, literário e social, a verdade é que os conteúdos da revista extravasaram em muito essa fronteira e se situaram em boa parte na área da política internacional e, particularmente, na sua vertente econômica – o que se justificara pelo ambiente da época conturbada na qual foi concebida (1ª Grande Guerra e suas conseqüências).

Em Outubro de 1915, depois de uma viagem ao Brasil, João de Barros trazia consigo a “impressão de que Portugal não se fazia conhecer como devia; e de que o Brasil se magoava por não encontrar em Portugal aquele conhecimento e apreço que merece o seu admirável surto e progresso, o seu prodigioso desenvolvimento material e intelectual”. Para combater este desconhecimento, “literário” ou de “qualquer outro fator de progresso e de melhoria intelectual ou social”, cria, com João do Rio, a revista *Atlântida*. Publicou-se até 1920, em doze volumes, desempenhando um papel de relevo no estreitar de relações entre Portugal e Brasil, materializado através da

colaboração de personalidades marcantes dos dois países, como, por exemplo, Aquilino Ribeiro, António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença, Câmara Teixeira de Pascoaes, Afrânio Peixoto, António Ferro, Carlos Malheiro Dias, Graça Aranha, João Lebre e Lima e André Brun. Reproduziu ainda quadros e desenhos de Almada Negreiros, António Carneiro, Castelão, Columbano Bordalo Pinheiro, José Malhoa, Soares dos Reis, entre outros.

A deflagração da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial, pela ótica dos diretores da *Atlântida*, foi um acontecimento que veio ratificar a missão e as propostas da revista, bem como explicitadas no “Prospecto” que saiu junto com o primeiro volume (15/11/1915):

As circunstâncias especialíssimas criadas pela guerra européia, determinaram um irresistível movimento de solidariedade entre aqueles países e aqueles povos que vivem de um mesmo ideal, que se alimentam da mesma tradição ou que descendem do mesmo tronco originário. Assistimos hoje a um espetáculo prodigioso, dia a dia mais belo e mais fecundo: – na Europa, à união espiritual estreitíssima de quase todas as nações latinas; na América, ao predomínio, hora a hora mais seguro, do chamado espírito americano. (João de Barros, p.94, 15/11/1915)

Aparentemente contaminados pela escola nietzschiana, os diretores da *Atlântida* viam no conflito armado a possibilidade de transmutação dos valores decadentes reinantes e de reinício da História. Por isso, proclamam o seu otimismo perante o caos:

É, pois, esta a ocasião de se compreenderem mutuamente, de se estudarem, de se aproximarem uns dos outros, os povos que entre si possuem fortes comunidades de sentimento, afinidades de raça, semelhança de temperamento e de estrutura psíquica. Dentro da vasta família latina – o Brasil e Portugal são, mais do que nenhum outros países, fraternais e semelhante. É uma banalidade afirma-lo. É uma inutilidade repeti-lo. Acontece, porém, que não se conhecem. (João de Barros, p.07, 15/11/1915)

Com efeito, a deflagração da 1.<sup>a</sup> Grande Guerra foi realmente um dos principais motes do periódico e foi ainda um dos motivos impulsionadores do ressurgimento da necessidade e urgência de reafirmar e consolidar as relações entre os “dois povos irmãos” através da publicação. A *Atlântida* terá mesmo desempenhado um papel relevante na mobilização da opinião pública para a necessidade de marcar presença no palco da guerra. Como já foi mencionado alhures, a perspectiva dominante, dos dois lados do Atlântico é que a guerra representaria uma oportunidade de mudança que não deveria ser desperdiçada. Novas parcerias entre estados, baseadas na raça, nas tradições e na história comum, produziriam novos eixos de poder e de desenvolvimento. O da latinidade era um dos mais promissores, acreditavam os que escreviam na *Atlântida* e, dentre os autores que se debruçam sobre o conflito, sobressaem Augusto Casimiro, Guerra Junqueiro, Jaime Cortesão, José de Campos Pereira, José de Macedo e Teófilo Braga.

A participação de Portugal na grande guerra, e as suas relações com o Brasil nesse contexto, mereceram mesmo algumas edições especiais da *Atlântida* como por exemplo um suplemento ao nº 5, onde se publica a nota entregue pelo Ministro da Alemanha em Lisboa, declarando guerra a Portugal, e a declaração de resposta do governo português, lida pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, na sessão de 10 de Março de 1916; nesse número temos ainda entrevistas com o Presidente da República, Bernardino Machado, e com o Ministro da Guerra, general Norton de Matos, no nº 10, e com os Ministros das Finanças, Afonso Costa, e dos Negócios Estrangeiros, Augusto Soares, no nº 11 enquanto o suplemento ao nº 21 foi totalmente dedicado a participação das mulheres no conflito, assinado por “M.S.” (possivelmente o jornalista Mário Salgueiro).

A “latinização” efetiva do periódico ocorre, contudo, nos anos 1918 e 1919. O primeiro sinal surge no volume IX, que registra as alterações na sede da Redação – passa da Rua António Maria Cardoso para o Largo Conde Barão – e na ficha técnica, onde Pedro Bordalo Pinheiro surge agora como “Diretor Técnico”, José Baptista como “Editor” e Bourbon e Menezes como “Secretário de Redação”. No número duplo 35/36, que fecha o volume, a última página anuncia que “A empresa proprietária da *Atlântida* sofreu uma modificação passando todos os direitos do co-proprietário, o nosso amigo Pedro Bordalo Pinheiro, para o Sr. Dr. Nuno Simões”. O nº 37, que abre o volume seguinte, o X, anuncia em editorial que “Com o presente número a *Atlântida* passa a poder intitular-se, legitimamente, ÓRGÃO DO

PENSAMENTO LATINO EM PORTUGAL E NO BRASIL”, e que confiara a Graça Aranha a direção literária na França que, por sua vez, apresenta nesse mesmo número uma síntese do novo programa e dos objetivos que pretendiam alcançar. É ainda revelado que a *Atlântida* passara a ser propriedade da empresa *Fulmen* Limitada que se constituiu em Lisboa por escritura de 20 de Fevereiro do corrente ano com capital de cento e quinze mil escudos. Faziam parte da Sociedade da empresa *Fulmen* os srs. Raul Monteiro Guimarães, António Mário Almeida Brandão, António Rosa Cabral, dr. Jerónimo Couto Rosado, dr. João de Deus Ramos, José Fernandes de Barros Júnior, dr. Adriano Marcolino Pires, Francisco Brandão Faria, dr. Jorge Faria, dr. João de Barros, Paulo Barreto e dr. Nuno Simões.

A partir do número seguinte, o 38.º, o campo de ação da *Atlântida* alarga-se ainda mais por via da colaboração “dos maiores espíritos de todas as nações latinas” como:

Gabriel d’Annunzio, de Guilherme Ferrero, de Tribusa, o poeta tão popular na Itália, de Francisco Blanco, o jornalista ilustre da *Tribuna de Roma*; o do grande crítico e historiador de arte Salomon Reinach e de Louix Vauxcelles; o de D. Manuel Cocio, universalmente admirado pelos seus estudos sobre o Grego e pelos seus trabalhos pedagógicos; o de D. Pedro Blanco, Diretor do Museu Pedagógico de Madrid; etc.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> “Atlântida”. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 38, [?] 1919, p. 131.

e há uma presença muito grande de artigos escritos na língua francesa, italiana e eventualmente espanhola.

Porém, não obstante o mérito dos seus colaboradores e o seu âmbito de implantação, a *Atlântida* conhece apenas mais dois anos de edição. As razões da sua extinção não são anunciadas, mas talvez a sua proximidade ao poder lhe tenha sido fatal. No editorial do n.º duplo 44/45 temos uma referência de que a publicação teria “sido acusada de exercer uma influência desnacionalizadora”, fato que refutam, defendendo que a colaboração estrangeira “só pode ser de benéficos efeitos para a nossa cultura geral, dados os nomes que a subscrevem” (15 nov/dez de 1919, p.3). Também o afastamento de João de Barros, por razões não esclarecidas, mas anunciado no penúltimo número, e a morte de Paulo Barreto, em junho de 1921, teriam provavelmente condicionado a sua continuidade. Sublinhe-se ainda o arrojo do projeto editorial da *Atlântida*, de periodicidade mensal, e com diretores e colaboradores distribuídos por dois continentes. Apesar das enormes dificuldades que terá enfrentado, quer no plano interno, quer no externo, conseguiu cumprir satisfatoriamente os seus compromissos com os assinantes e perfazer cinco anos de edição. Revista de elites e para elites, a viabilidade financeira da *Atlântida* assentava, provavelmente, nas assinaturas, em alguma publicidade e nos apoios e colaborações voluntárias dos que lhe asseguravam conteúdo. Cada número da *Atlântida* tinha em média 100 páginas, que seguem uma numeração contínua dentro de cada ano de edição mas não há, contudo, informação sobre a tiragem.

Já a revista *Ilustração Portuguesa* (1903-1924), embora não tivesse declaradamente o escopo “latinizante” observado especialmente na segunda fase da *Atlântida*, também divulgou com afinco a “cultura e ideais de força latina” na grande cobertura destinada aos acontecimentos de Fiume, protagonizados por Gabriele d’Annunzio e na “admiração e amizade” que Antônio Ferro, seu diretor na época, manifestou na própria revista e nos livros sobre o assunto por ele publicados.

Empreendimento editorial da empresa do jornal *O Século*, a *Ilustração Portuguesa* – Revista semanal dos acontecimentos da vida portuguesa: vida social, vida política, vida artística, vida literária, vida esportiva, doméstica – circulou entre 1903 e 1924, em duas séries.

Inspirada na revista francesa *L’Illustration* (1843-1944) e sempre luxuosamente editada, o periódico foi testemunha privilegiada dos acontecimentos da vida portuguesa nas primeiras décadas do século XX. Devido sobretudo à sua grande longevidade e à ampla gama de assuntos que discutiu em suas páginas, a revista se configura, ainda hoje, como um importante retrato histórico da sociedade lusitana no período, em suas várias nuances.

O periódico, que almejava alcançar a qualidade técnica e editorial de suas congêneres estrangeiras, foi muito bem recebido pela imprensa coetânea que, desde o início, soube valorizar os esforços dos editores ao promoverem em Portugal uma publicação do gênero.



A primeira série da *Ilustração Portuguesa*, então dirigida por José Joubert Chaves<sup>7</sup>, circulou entre 09/11/1903 e 12/02/1906 totalizando cento e dezenove números. Nessa primeira fase, a revista era editada em formato grande (37 X 28 cm), continha cerca de dezesseis páginas e apresentava poucos textos, já que priorizava a veiculação de gravuras. Contudo, em meados de janeiro de 1906, a empresa *O Século* anunciava as remodelações propostas para o periódico, “de forma a torná-la mais adequada à função que pretendia desempenhar e poder, assim, agradar mais aos seus leitores.”<sup>8</sup>

Sob a direção inicial de Carlos Malheiro Dias, a segunda série<sup>9</sup> inaugura-se em 26/02/1906 e se estende até abril de 1924, pelo menos<sup>10</sup>. Totalmente reformulada, nessa segunda fase a revista adota outro formato (28 X 18 cm), dedica mais espaço ao texto (equivalente a 50 % em relação às imagens) e duplica o número de páginas, totalizando então trinta e duas. A concepção da parte imagética também tinha sido alterada; se na primeira fase a gravura era o principal tipo de ilustração, nessa segunda prevalece a ampla difusão da fotografia.

---

<sup>7</sup> Também proprietário da empresa do jornal *O Século*

<sup>8</sup> Cf. PROENÇA, Cândida e MANIQUE, A. Pedro. *Ilustração Portuguesa* (Texto e seleção de imagens). Lisboa: Alfa, 1990, p.13

<sup>9</sup> Além de Carlos Malheiro Dias, foram diretores da segunda fase da *Ilustração Portuguesa*: J.J. da Silva Graça (1911- 1921), Antônio Ferro (1921- 1922) e João Ameal (1922-1924).

<sup>10</sup> Infelizmente não há um consenso sobre a duração dessa segunda fase da revista. De acordo com Daniel Pires (*Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX*, 1996), p.201, a “2ª. Série publicou-se de 1906 a 6 de março de 1930, 959 números...” mas é sabido que a revista tem sua publicação interrompida em abril de 1924, com a sua retomada em 1931, com um projeto gráfico e editorial totalmente diferente (cf. PROENÇA, C. et MANIQUE, A.P., 1990, p. 15 e Acervo da Rede Municipal das Bibliotecas de Lisboa).

Sob a batuta de Malheiro Dias, importante jornalista da época, colaboraram com a revista outras grandes personalidades da intelectualidade lusitana, como Rocha Martins, Alfredo Mesquita, Celestino Soares, Eugênio dos Santos, Alberto Teles, Albino Forjaz de Sampaio, Antônio Sardinha, Aquilino Ribeiro, Bulhão Pato, Câmara Reis, Eugênio de Castro, Fernando Pessoa (edições números 832, 834), Gago Coutinho, Jaime Cortesão (números 198, 378, 422, 828, 843), João de Barros, Júlio Dantas, Manuel da Silva Gaio, entre outros.

Quanto à linha editorial, não foi uma publicação com vocação revolucionária, de análise ou crítica social, sempre posicionando-se “preferencialmente no ponto de vista do governo”<sup>11</sup>. Ao que tange a cobertura dos fatos políticos, destaca-se a grande promoção da Família e Corte Real nos eventos da sociedade portuguesa, a excelente cobertura do regicídio ocorrido em 1908 (principalmente as edições número 104, 105 e 106, respectivamente publicadas em fevereiro e março do mesmo ano) e, posteriormente, a ampla divulgação dos pormenores que antecederam e sucederam os dias 04 e 05 de outubro de 1910 com a Proclamação da República Portuguesa (destaque para os números 242, 245, 246 e 249 de outubro e novembro de 1910).

Ainda que não se configurasse como uma revista necessariamente literária, o periódico contou, como vimos, com a participação significativa de importantes escritores divulgando, inclusive, o *Modernismo* e suas reverberações. Desse modo, a *Ilustração Portuguesa* publica, por exemplo,

---

<sup>11</sup> Cf. PROENÇA, C. et MANIQUE, A.P., 1990, p. 16.

textos de Mário de Sá-Carneiro como “O sexto sentido” (número 341, de 02/09/1912), “Rodopio” (número 410, de 29/12/1913), “Batalha de Marne” (nº 513, de 20/12/1915) e, de Fernando Pessoa, “Canção de Outono” (nº 832, de 28/01/1922) e “Canção” (nº 834, 11/02/1922).

### A presença italiana na Atlântida e Ilustração Portuguesa

Sublinhamos, abaixo, os textos que individuamos acerca da “presença italiana” como elementos aglutinadores da latinidade nos periódicos selecionados:

<i>Revista</i>	<i>No.</i>	<i>Ano</i>	<i>Título</i>	<i>Autor</i>
<b>Atlântida</b>	38	1919	<i>Anticipazioni</i>	<i>Francesco Bianco</i>
<b>Atlântida</b>	41	1919	<i>La missione della donna</i>	<i>Gina Lombroso Ferrero</i>
<b>Atlântida</b>	42/43	1919	<i>A lição de d'Annunzio</i>	<i>G. de S.</i>
<b>Ilustração Portuguesa</b>	840	1922 (25/03)	<i>Gabriele d'Annunzio e Eu: o ultimo livro de Antonio Ferro</i>	<i>Avelino de Almeida</i>

Com efeito, percebemos que o ideal de *raça e cultura latina*, com todas as nuances que o termo adquiriu historicamente (e particularmente

reforçadas nesse início do século XX), transparecem singularmente nos artigos supra listados, seja através da espécie de “manifesto da raça latina” de Francesco Bianco, na valorização da mulher como “progenitora da raça forte” segundo Gina Lombroso Ferrero ou ainda pela exaltação das peripécias dannunzianas como exemplo de atitude do homem latino.

Assim, é através das palavras de Francesco Bianco (jornalista do jornal romano *A Tribuna*) que a *Atlântida* ratifica seu próprio discurso de latinidade, justamente quando a revista passa a se chamar oficialmente como “órgão do pensamento latino”:

L'equilibrio del mondo è stato rotto una seconda volta. L'accordo sempre più stretto tra le due grandi potenze di razza anglo-sassone è l'avenimento centrale del nuovo carro della storia mondiale. Il ciclo della politica delle nazioni, malgrado le ideologie delle *Leghe* e delle *Società* è oramai chiuso. O sottomettersi all'egemonia incontrastabile degli anglo-sassoni; o trasformare la politica nazionale nella politica di razza. Questa è la fatalità a cui saranno costretti i paesi latini: se non verranno servire e perire. La latinità ha circa duecento milioni di uomini al suo servizio: ed un immenso continente vergine da mettere in valore. Ha le tradizioni storiche ed artistiche più grandi, ed il genio più sicuro.

Il mondo futuro sarà ripartito tra quattro grandi forze: anglo-sassoni (a cui presto o tarde si uniranno i tedeschi); gli slavi; i musulmani; ed i latini; questi, *least but not last*; poichè saranno sempre il lative [sic] per la conservazione della civiltà superiore del mondo. [...] Allora noi latini non avremo più

scampo: o saremo gli umili servitori degli anglo-sassoni; o decideremo anche noi a sparire dalla scena del mondo.<sup>12</sup>

Mais adiante, na edição 41, também do ano de 1919, foi a vez de Gina Lombroso Ferrero dissertar sobre o papel da mulher no âmbito dessa sociedade latina, enfatizando sobretudo a sua importância nas classes altas (e portanto “pensantes”) da sociedade:

Qual'è la missione della donna? Quale quella dell'uomo? Nelle classi medie e inferiori non c'è bisogno di chiarirla. Le necessità stesse la delimitano e la determinano.

Nessuna contadina dubita che la sua missione sia quella di generar figliuoli, di allevarli, di tenere una casa, e di aiutare il

<sup>12</sup>Cf. BIANCO, Francesco. Anticipazioni. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 38, [?] 1919, p. 180-181. Em português (tradução livre da autora): “O equilíbrio do mundo foi quebrado novamente. O acordo cada vez mais estreito entre as duas potências de raça anglo-saxã é o acontecimento central do novo carro da história mundial. O ciclo da política das nações, apesar das ideologias das *Ligas* e das *Sociedades* está desde então fechado. Ou submeter-se à hegemonia incontrastável dos anglo-saxões; ou transformar a política nacional na política da raça. Esta é a fatalidade a qual serão obrigados os países latinos: do contrário servirão e perecerão. A latinidade tem cerca de duzentos milhões de homens a seu serviço: e um imenso continente virgem a ser considerado. Tem as maiores tradições históricas e artísticas e o gênio mais seguro. O mundo futuro será repartido entre as quatro grandes forças: anglo-saxões (a qual cedo ou tarde se unirá os alemães); os eslavos; os muçulmanos; e os latinos; estes, último mas não o menos importante, porque serão sempre os lascivos para a conservação da civilização superiora do mundo. [...] Então nós latinos não temos mais alternativa: o seremos os humildes servidores dos anglo-saxões ou decidiremos nós também a desaparecer do cenário mundial. (...)”.

marito nel campo. Nessun operaio dubita che la sua missione sia quella di guadagnare per vivere il meglio possibile, per potersi formare, presto, una famiglia obbediente ai suoi cenni, per estinguere la modesta sete di bisogni materiali e morali che l'istinto gli pone. Ma nelle alte classi, nelle classi dirigenti, che formano i quadri delle compagine sociale a cui apparteniamo, e la cui importanza perciò è enorme, perchè sono il modello su cui foggia la morale corrente, il problema si pone in modo assai diferente.

E uomini e donne nascono quivi con ricchezze sufficienti a soddisfare le primordiali necessità della vita, esonerati da molti dei carichi della famiglia. Ad essi spetta un altro compito, individualmente superfluo, ma socialmente necessario alla compagine – nazione, casta, a cui appartengono: Dirigere [sic] questa compagine, inquadrarla, esserne gli esempi, tracciarle nuove vie nell'arte, nella scienza, nelle industrie, nei comuni, curare che siano seguite le tradizioni intellettuali migliori foggiate nei tempi passati, conquistarle e mantenerle il prestigio. [...]

L'intelligenza nostra fatta tutta di passione e di intuizione, procedente a sbalzi, senza regole, al di là e al di quà dei freddi calcoli della ragione, è mirabile appunto nell'intuire la verità nascosta, nello scoprire nuove vie, nel toglier pesantezza e riattaccare alla vita viva le astrazioni maschili, e mirabile ed ottima per completare la vita astratta dell'uomo; nell'aiutarlo, nella vita pratica, nel trasformarne il lavoro in capolavoro.

E certo le madri di Mazzini, dei Ruffini, dei Cairoli, le fide compagne di Pisacane, e di Confalonieri e di Garibaldi, di Shelley, le dolci figlie di Foscolo, di Byron, di Galileo; le sorelle di Renan, di Pascoli, di Balzac hanno fatto più per

l'arte, per la scienza restando devote al fianco dei figli, dei mariti, dei fratelli, dei padri, a dirigerli col loro fiato, a sorreggerli col loro spirito pratico, a ispirarli colla loro fede, a consolarli col loro amore, piú che se non avesse congiurato, guerreggiato e poetato essa stessa.

I secoli brillanti nell'arte, nella scienza, nella politica, Roma Repubblicana, la Francia del 700, l'Italia del 300, sono quelli appunto in cui la donna ha brillato come sorella, come compagna dell'uomo, in cui si è consacrata soprattutto a ispirarlo, a consolarlo, a completarlo invece che scimiottarlo.<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. LOMBROSO FERRERO, Gina. La missione della donna. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 41, [?] 1919, p. 537-544. Em português (tradução livre da autora): “Qual é a missão da mulher? Qual é aquela do homem? Nas classes médias e inferiores não há necessidade de esclarecê-la. As necessidades por si mesmas as delimitam e as determinam. Nenhuma camponesa duvida que a sua missão seja aquela de gerar filhos, de fazê-los crescer, de ter uma casa, e de ajudar o marido no campo. Nenhum operário duvida que a sua missão seja aquela de ganhar para viver da melhor maneira possível, para poder constituir, logo, uma família obediente aos seus sinais, para extinguir a modesta sede de necessidades materiais e morais que o instinto lhe propõe. Mas nas altas classes, nas classes dirigentes, que formam os quadros das companhias sociais às quais pertencemos, e cuja importância por isso mesmo é enorme, porque são os modelos sobre o qual forja a moral corrente, o problema se coloca em maneira muito diferente. E homens e mulheres nascem então com riquezas suficientes de modo a satisfazer as primordiais necessidades da vida, exonerados há muito dos encargos de família. A esses é reservada uma nova tarefa, individualmente supérflua, mas socialmente necessária às companhias, nação, casta, a qual pertencem: Dirigir este grupo, enquadrá-lo, ser o seu exemplo, traçando para tanto novos caminhos na arte, na ciência, nas indústrias, nas cidades, cuidando para que sejam seguidas as melhores tradições intelectuais forjadas nos tempos longínquos, as conquistar e as manter no prestígio. A inteligência nossa feita toda de paixão e de intuição, derivada de ímpetos, sem regra, além e aquém dos frios cálculos da razão, é admirável justamente por intuir a verdade escondida, no descobrir de novos caminhos, no tornar as coisas leves e no conectar a vida viva das abstrações machistas, e admirável e ótima para completar a vida abstrata do homem; em auxiliá-lo, na vida prática, no transformar o trabalho em obra-prima.

Como podemos notar, do texto citado emergem algumas questões importantes que, se analisadas profundamente, se tornam ainda mais emblemáticas. Com efeito, o *cognome* Lombroso que Gina sustenta (e que dá inícios reveladores de sua origem) remete a um personagem muito relevante para a “ciência criminal” com bases “cientificistas” que se desenvolvia com todo vapor no período (fundamentadora, inclusive, das teorias que visavam o melhoramento da *raça*, como a eugenia, já apontada anteriormente), o médico, cirurgião e cientista criminal Cesare Lombroso<sup>14</sup>.

---

E certamente as mães de Mazzini, dos Ruffini, dos Cairoli, as fiéis companheiras de Piscane, e de Confalonieri e de Garibaldi, de Shelley, as doces filhas de Foscolo, de Byron, de Galileo, as irmãs de Renan, de Pascoli, de Balzac fizeram mais pela arte, pela ciência permanecendo devotas ao lado dos filhos, dos maridos, dos irmãos, dos pais, a direcioná-los com o seu fôlego, a sustentá-los com o seu espírito prático, a inspirá-los com a sua fé, a consolá-los com o seu amor, mais do que se tivessem conjurado, guerreado ou versejado elas mesmas. Os séculos brilhantes na arte, na ciência, na política, Roma republicana, a França do século XVIII, a Itália do século XIV, foram aqueles nos quais justamente as mulheres brilharam com irmã, como companheira do homem, nos quais se consagrou sobretudo a inspirá-lo, a consolá-lo, a completá-lo ao invés de macaqueá-lo.

---

<sup>14</sup> Cesare Lombroso (Verona, 1835 – Turim, 1909) tornou-se mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo da caracterologia, ou a relação entre características físicas e mentais, no âmbito da criminologia. Lombroso tentou relacionar certas características físicas, tais como o tamanho da mandíbula, à psicopatologia criminal, a tendência inata de indivíduos sociopatas e com comportamento criminal. Assim, a abordagem de Lombroso é descendente direta da frenologia, criada pelo físico alemão Franz Joseph Gall no começo do século XIX e estreitamente relacionada a outros campos da caracterologia e fisionomia (estudo das propriedades mentais a partir da fisionomia do indivíduo). A principal idéia de Lombroso tinha sido parcialmente inspirada pelos estudos genéticos e evolutivos no final do século IX e propunha, dentre outras hipóteses, que certos criminosos tinham evidências físicas de um "atavismo" (reaparição de características que foram apresentadas somente em ascendentes

Natural de Pavia (1872-Genebra 1944), Gina Lombroso Ferrero se gradua em Letras e Medicina e desde muito cedo se torna uma espécie de ajudante de seu pai, auxiliando-o nos experimentos e na transcrição e edição de seus relatos científicos. Por intermédio paterno conheceu ainda o jornalista Guglielmo Ferrero, que veio a se tornar seu esposo em 1901. Apesar dos conflitos constantes com o marido, decorrentes principalmente da ligação profissional que mantinha com seu pai, Gina Lombroso Ferrero se destaca como pesquisadora da questão feminina (ao analisar a “essência da mulher” através da teoria lombrosiana) conciliando ainda com o seu papel de mãe. Em 1916 Gina funda a Associação Divulgadora das Mulheres Italianas (Associazione Divulgatrice Donne Italiane, ADDI), com o objetivo de publicar opúsculos sobre a problemática infantil, sobre a educação, sobre a guerra e sobre questões sociais. A produção intelectual de Gina Lombroso, com efeito, foi extremamente vasta: além das suas intervenções, artigos, ensaios e diversas monografias, publicou diversas obras sobre a questão feminina entre as quais: *Riflessioni sulla vita. L'anima della donna. Li bro I:*

---

distantes) de tipo hereditário como reminiscência de estágios mais primitivos da evolução humana. Estas anomalias, denominadas de estigmas por Lombroso, poderiam ser expressas em termos de formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula, assimetrias na face, etc., mas também de outras partes do corpo. Posteriormente, estas associações foram consideradas altamente inconsistentes ou completamente inexistentes, e as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade se tornaram dominantes. Apesar da natureza inconsistente destas teorias, Lombroso foi muito influente na Europa (e também no Brasil) entre criminologistas e juristas. Entre seus livros mais conhecidos figuram: *L'Uomo Delinquente* (1876) e *Le Crime, Causes et Remèdes* (1899).

*La tragica posizione della Donna*, Firenze: Associazione Divulgatrice Donne Italiane (1917) e *Riflessioni sulla vita. L'anima della donna. Libro II: Conseguenze dell'altruismo*, Firenze: Associazione Divulgatrice Donne Italiane (1918).

É interessante, contudo, observar que esse mesmo “modelo de mulher” *latina*, proposto por Gina, correspondia exatamente aquele almejado para a mulher portuguesa articulado pela intelectualidade lusitana e constantemente reiterado nas páginas dos periódicos que pesquisamos<sup>15</sup>, conforme pudemos perceber. Em um contexto no qual 75% da população portuguesa era analfabeta, tal intelectualidade acreditava que através do maior engajamento da mulher lusitana como cerne da família, como educadora e como zeladora da boa moral e dos bons costumes seria capaz de reverter o quadro de ignorância extrema no qual estava mergulhado o país (vide o projeto de educação e esclarecimento da população planejado pela revista *A Águia*, órgão da “Renascença Portuguesa”, por exemplo).

O protótipo do *homem latino*, com toda a sua força, garra e perspicácia, também foi discutido intensamente na *Atlântida e Ilustração Portuguesa*, através da figura de Gabriele d'Annunzio e os desdobramentos do evento liderado por ele na cidade de Fiume. Em linhas gerais, tal episódio,

---

<sup>15</sup> Além das revistas *Ilustração Portuguesa* (1903-1924) e *Atlântida* (1915-1920), integram o *corpus* da pesquisa de Doutorado que estamos desenvolvendo com o apoio da FAPESP (processo número 07/55142-3), outras publicações *luso-brasileiras* como as revistas *Serões* (1901-1911), *Ocidente* (1848-1915), *Brasil-Portugal* (1899-1914), *A Águia* (1910-1932), *Orpheu* (1915), *Nação Portuguesa* (1914-1938) e *A Rajada* (1912).

protagonizado e dirigido por d'Annunzio, foi a invasão da cidade croata Fiume (hoje Rijeka) por cerca de 2.600 soldados do exército nacional voluntarista que reivindicavam a anexação do referido território às terras italianas, como consequência das resoluções após o final da 1ª. Guerra Mundial. Apesar de ter sido duramente combatido pelo governo italiano, que não apoiou em momento algum suas decisões, d'Annunzio conseguiu manter sua *Regenza Italiana* até 24 de dezembro de 1920, quando finalmente cedeu às pressões de sua terra natal. Devido ao seu comportamento e estratégias comunicativas adotadas durante seu “governo”, d'Annunzio é ainda considerado por muitos como inspirador e como um dos precursores do movimento fascista instaurado na Itália por Benito Mussolini, através de seu *modus operandi* como líder.

Quase contemporaneamente aos acontecimentos de Fiume, a revista *Atlântida* publicou um artigo laudatório no qual exaltava a atitude de d'Annunzio e na qual conclamava aos patrícios portugueses atitude semelhante para o desenvolvimento da raça lusitana:

Continuam as agências telegráficas a dar-nos conta dos gestos e das palavras de d'Annunzio em Fiume. Palavras admiráveis, gestos heróicos – umas e outras interessam-nos, sobretudo, pelo problema que suscitam aos olhos de todos os artistas e escritores, ávidos de imediata influência social pelo prestígio da Inteligência e da Arte. A solução que d'Annunzio deu, com a sua ação épica, a esse velho e sempre novo problema – é absolutamente desorientadora e, para dizer tudo, muito perigosa. O seu caso é excepcional, como o seu gênio. [...] Só

a guerra trouxe e provocou a rara possibilidade de tornar subitamente acessíveis a um povo inteiro as aspirações magníficas dum espírito superior, e as palavras, as imagens, os ritmos em que essas aspirações se exprimem e condensam. [...] Gênio – d'Annunzio perdurará pelo seu gênio. Herói – d'Annunzio deslumbra passageiramente pelo seu heroísmo. E, se realiza inteiramente, na hora que passa, uma figura de exceção e de grandeza, isso não deve fazer-nos esquecer que essa grandeza será um dia reconhecida e louvada, não porque d'Annunzio conquistou Fiume, mas porque é o autor de *Ode Naval*, dos *Laude*, de *La Nave*, mas porque é uma das maiores expressões de todo o gênio latino. (...) <sup>16</sup>

Muito mais forte e emblemática, porém, foi a ligação de António Ferro<sup>17</sup> (diretor da *Ilustração Portuguesa* em 1921/1922) com d'Annunzio e,

<sup>16</sup> G. de S. A lição de d'Annunzio. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 42/43, [?] 1919, p. 810-811.

<sup>17</sup> António Joaquim Tavares Ferro (Lisboa, 1895-1956) foi jornalista, ficcionista, cronista, político. Ligado aos elementos do primeiro modernismo português, António Ferro, por alguns dos textos então publicados, apresenta-se como um dos mais eloquentes e estridentes porta-vozes daquele movimento artístico (com apenas 20 anos foi, inclusive, o editor da revista *Orpheu*). Posteriormente, participou nas primeiras manifestações do modernismo brasileiro (Semana de Arte Moderna em 1922), representado por autores como Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira; proferiu conferências (*A Idade do Jazz-Band*) e colaborou com o seu órgão literário, a revista *Klaxon*, onde publicou o manifesto *Nós*, drama poético marcado pela irreverência. Não tendo completado o curso de Direito, que trocou pelas letras e pelo jornalismo, o autor de *Leviana* teve uma existência movimentada. Por dois anos esteve em Angola (da qual regressou em 1919) e, ao retornar a Lisboa, retoma o jornalismo como colaborador dos periódicos *O Jornal*, *O Século*, *Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*, por exemplo. Como jornalista entrevistou figuras de muita relevância internacional no período, como d'Annunzio, Pio XI, Mussolini, Clémenceau, Maurras, Afonso XIII, Primo de Rivera, Poincaré, entre outros.

portanto, mais elaborada, a propaganda de cunho nacionalista executada por ele e repercutida em Portugal (e Brasil, conseqüentemente). Tendo estabelecido com o poeta italiano um vínculo muito profundo de amizade durante o período no qual estivera em Fiume como correspondente do jornal português *O Século*, em 1922 Ferro publicou a obra “Gabriele d’Annunzio e Eu” no qual não somente esmiuçou a relação fraterna que manteve com o poeta como também explicitou a profunda admiração que mantinha por ele. A resenha sobre a obra recém-publicada saiu com os seguintes termos na edição no. 840 da *Ilustração Portuguesa*:

Fez bem António Ferro em salvar do injusto efêmero, que é a vida de algumas horas de um jornal, o feixe de crônicas fulgurantes, quase cinematográficas, por ele expressamente escritas para *O Século* acerca da aventura heróica de Fiume, reunindo-as em um livro com o título de *Gabriele d’Annunzio*

---

Jornalista de forte personalidade e de grande vivacidade como prosador, António Ferro publicou no *Diário de Notícias*, em 1932, as hoje célebres cinco entrevistas com Salazar, que rendido ao seu talento lhe confia, no ano seguinte, a criação do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN). Nesse cargo, António Ferro tentará definir e impor uma “política do espírito”, que buscava, por um lado, recuperar como fonte viva o folclore português e, por outro, fazer de algum modo uma pedagogia do moderno em arte. Visto com maus olhos por quase toda a intelectualidade portuguesa de oposição e com desconfiança por uma direita que lhe temia as ousadias, António Ferro teve de abandonar, em 1950, o Secretariado Nacional da Informação (nome que passara a ter, em 1944 o Secretariado da Propaganda Nacional) pelo posto de ministro plenipotenciário em Berna. Em 1954 vai para o Quirinal, também como ministro. Foi casado com a poetisa Fernanda de Castro e pai do escritor António Quadros (1923-1993).

e *Eu*. Singularidade de estilo, em que a preocupação da imagem, inédita e bizarra, é patente; destreza de pintor que, em pinceladas febris, resume a paisagem ou ergue, insuflando-lhe a alma, a figura; sinceridade de visão que o culto apaixonado, a idolatria pelo Poeta não empanam; afirmação indiscutível de méritos jornalísticos a juntar méritos literários, tudo isto se encontra na encantadora brochura de António Ferro, mais de cem páginas coloridas e nervosas, por certo um dos mais vivos e estranhos documentos de alta reportagem trazidos a lume sobre episódios que, de perto ou de longe, estão ligados à Grande Guerra. (...) <sup>18</sup>

Esperamos destarte ter conseguido demonstrar como “Portugal”, representado por parte de sua intelectualidade articuladora dos periódicos que relevamos e pela propaganda da *raça latina* tentou realizar, na verdade, uma propaganda escamoteada da própria *raça lusitana*. Através da exaltação da estirpe latina vemos, portanto, a exaltação do homem de origem portuguesa que, não por acaso, atuava como um dos principais elementos coesivos para a comunidade pensante luso-brasileira no Brasil (público-alvo fundamental dos periódicos que pesquisamos) que precisava a todo custo ser difundido e reforçado no imaginário nacional pois, somente desse modo, seria possível recuperar uma certa hegemonia (cultural, sobretudo) perante a ex-colônia, conforme apontam as conclusões prévias da pesquisa de doutoramento que estamos concluindo. Para além do reforço dos “laços fraternos” entre Brasil e

---

<sup>18</sup> ALMEIDA, Avelino de. Gabriele d’Annunzio e eu: o último livro de António Ferro. In: *Ilustração Portuguesa*, no. 840, 25 mar. 1922, p. 295.

Portugal – um dos principais motivos declarados para a existência de tantas publicações voltadas para o público luso-brasileiro no período – percebemos que em tais revistas todo conteúdo ali veiculado apontava, afinal, para um “projeto maior” que, se tivesse tido o êxito esperado pelos lusitanos, teria sido talvez muito mais eloquente, grandioso e impactante para o Portugal daquela época se comparado aos feitos e glórias das próprias e remotas conquistas latinas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Avelino de. Gabriele d’Annunzio e Eu: o último livro de António Ferro. In: *Ilustração Portuguesa*, no. 840, 25 mar. 1922, p. 295.

“Atlântida”. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 38, [?] 1919, p. 131.

BARROS, João de. Atlântida. In: *Atlântida*, Ano I, no. 01, 15 nov. 1915, p. 5-9.

\_\_\_\_\_. Atlântida (suplemento). In: *Atlântida*, Ano I, no. 01, 15 nov. 1915, p. 93-95.

BETHELL, Leslie. Brazil and the idea of "Latin America" in historical perspective. **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, Dec. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010321862009000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321862009000200001&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 ago. 2010. doi: 10.1590/S0103-21862009000200001

BIANCO, Francesco. Anticipazioni. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 38, [?] 1919, p. 180-181.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora, 1998.

BRUIT, Héctor H. A Invenção da América Latina. In: *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*. Belo Horizonte - 2000. ISBN 85-903587-1-2. Disponível em: [http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector\\_bruit.pdf](http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro5/hector_bruit.pdf). Acesso em: 20 ago. 2010.

DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1996.

G.de S. A lição de d’Annunzio. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 42/43, [?] 1919, p. 810-811.

LOMBROSO FERRERO, Gina. La missione della donna. In: *Atlântida*, Ano IV, no. 41, [?] 1919, p. 537-544.

PROENÇA, Cândida e MANIQUE, A. Pedro. *Ilustração Portuguesa* (Texto e seleção de imagens). Lisboa: Alfa, 1990.

RIBEIRO, Atanagildo Barata. *Sonho no cárcere: dramas da revolução de 1893 no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Mont’Alverne, 1895.

RIO BRANCO, Barão do. *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.